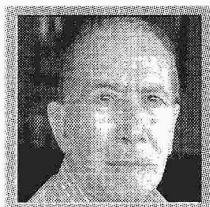


PIONEIROS



Ary Pinheiro Moreira

Trabalho desde o primeiro momento na capital

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Muitas pessoas haviam deixado a cidade de Alvinópolis (MG) em direção ao local onde seria inaugurado o novo Distrito Federal. A construção de Brasília provocava o imaginário dos brasileiros que não temiam a aventura de trabalhar pelo desenvolvimento de uma cidade implantada no meio do Centro-Oeste. A região, naquela época, era pouco conhecida no restante do país.

Na cidade mineira, o dentista Ary Pinheiro Moreira, na época com 36 anos de idade, ocupava o cargo de diretor da escola Cândido Gomes, mas não estava satisfeito. Em janeiro de 1960, surgiu então a oportunidade de mudar o rumo de sua carreira. Um primo de sua esposa, Rita Carvalho Moreira, que trabalhava em Brasília desde 1958 como chefe de obras do acampamento da Construtora Rabelo, uma das mais importantes envolvidas no projeto de Juscelino Kubitscheck, retornou a Alvinópolis para visitar os familiares.

Paulo Linhares, como se chamava, contava maravilhas sobre a futura capital. Dizia que aqui não faltava serviço, que era bom para ganhar dinheiro e só desistia de trabalhar em Brasília quem fosse tolo. Comentava ainda que o dentista do acampamento da Rabelo estava causando problemas e deixaria o acampamento

da construtora. Em julho de 1960, seguindo a indicação do primo de Rita, Moreira decidiu conhecer o Distrito Federal, há pouco tempo inaugurado.

Pequena cidade

A infra-estrutura do acampamento da Rabelo era impressionante. Na porta, todos eram identificados e só entravam no local com permissão. Dentro, além dos alojamentos, um lado para solteiros e outro lado para famílias, havia farmácia, escola primária, dois clubes, armazém, igreja e cinema. Localizado atrás da Praça dos Três Poderes, o

acampamento funcionava como uma pequena cidade, com cerca de 5 mil empregados.

Logo na chegada, ao se identificar como dentista, Moreira foi acometido por um grande número de funcionários da empreiteira que pediam para ser tratados. Era impossível negar o atendimento num local onde profissionais de saúde eram raros. A recepção inesperada não assustou Moreira. Ao contrário disso, animou-o ainda mais.

O consultório do dentista era precário, mas serviria durante algum tempo. Moreira não precisou refletir nem voltar a Alvinó-

polis para comunicar à família. "Rita me apoiava em tudo", conta. Dessa forma, começou a trabalhar no dia seguinte e mandou o comunicado à família para organizar tudo para a mudança. "Não me assustei porque também acreditava no sonho de JK", conta Rita. "Além disso, já tinha recebido seis telegramas de amigos e parentes que estavam aqui chamando-nos para cá", revela.

A casa da família de Moreira ficaria ao lado do novo consultório, que a Rabelo passou a construir imediatamente. Enquanto a pequena obra não terminava, o dentista ficou instalado na casa do

**ARY COM OS DOIS FILHOS
EM PASSEIO NO PALÁCIO
DA ALVORADA**

cunhado, José Francisco Solano, que trabalhava como carpinteiro no acampamento. O antigo consultório foi derrubado.

Três meses depois, no dia 11 de outubro, Rita, os quatro filhos do casal, o pai e duas irmãs vieram para Brasília. Ela estranhou tudo. Mesmo já inaugurada, a cidade ainda era um canteiro de obras. A Asa Sul estava incompleta. A Esplanada ainda não tinha todos os Ministérios e

PIONEIROS

O pioneiro soube por um primo da esposa de uma vaga de dentista na Construtora Rabelo. Não hesitou: veio para a nova capital e ficou

**COM A FAMÍLIA,
APROVEITANDO A
CIDADE QUE
ESCOLHEU PARA
VIVER**

a Asa Norte estava toda por construir. O Lago Paranoá era um córrego estreito. "O acampamento era muito organizado e tinha tudo o que precisávamos", diz. "Mas achava engraçado algumas coisas, como o fato de tudo ser feito em filas separadas para homens e mulheres", conta.

A mudança da família valeu a pena do ponto de vista financeiro. Moreira passou a receber o dobro do que ganhava em Alvinópolis. Mas o dinheiro era proporcional à carga de trabalho. Para dar conta do número de clientes, o dentista trabalhava das 7 da manhã às 10 da noite. Encerrado o expediente, continuava trabalhando em casa na montagem de dentaduras, pontes etc. Para assumir o posto na Rabelo, o consultório teve de ser adquirido. O pagamento era feito mensalmente à construtora.

A nota dos serviços era debitada no pagamento dos funcionários. Se, porventura, um funcionário fosse demitido ou, por qualquer motivo, se desligasse do acampamento, o dentista era informado para verificar se algum serviço ainda sem pagamento havia sido feito para aquela pessoa.

Feiras

Rita lembra que nem todas as compras podiam ser feitas no armazém da construtora. O pão, por exemplo, era entregue na porta de casa. A Padaria ficava perto do Late Clube. "O padeiro passava muito cedo nas casas, então eu deixava uma sacola na varanda e ele já sabia o número de pães que queríamos", recorda. "Fazia isso duas vezes por dia", completa.

A região próxima ao acampamento era muito movimentada,

Arquivo pessoal



diferente de hoje. Vários acampamentos ficavam ali, das construtoras Pederneiras, EBE, DFL, Ecisa e Nacional. Por conta disso, havia duas feiras, uma na Vila Planalto e outra na Vila Amauri (que foi inundada quando o Lago Paranoá encheu), onde vendiam-se roupas, alimentos e frutas. Dava para ir a pé do acampamento da Rabelo. Mesmo assim, a Rabelo providenciava duas idas semanais à Cidade Livre para seus funcionários. Durante a semana, iam as mulheres, e nos finais de semana, os homens.

A poeira no acampamento era a única coisa que incomodava Rita, que se encarregava dos afazeres domésticos. "Tinha que colocar as roupas para secar à noite para não sujá-las de novo e pendurá-las com quatro pregadores cada", diz. "A Rabelo molhava a terra todos os dias, mas a poeira e o vento eram intensos", conclui.

Moreira e a família viveram no acampamento da Rabelo por nove anos. Só mudaram quando correu o boato de que ele seria desativado, em 1969. Antes disso, entretanto, Moreira passou a trabalhar em outro

consultório, fora da Rabelo. "Tinha muitos clientes de outros acampamentos e um deles me informou que a gráfica do Senado ia contratar dentista", conta. O amigo chamava-se Júlio Gerke e era engenheiro da gráfica, sabia do fato porque estava responsável pela montagem do consultório.

Antes mesmo de o consultório ser inaugurado, Moreira dirigiu-se à gráfica e terminou conquistando vários clientes dali, que iam se consultar na Rabelo. "Fazia a consulta e o orçamento do serviço nos corredores da gráfica", recorda. "Sentava o paciente em uma cadeira comum, encostava sua cabeça na parede e verificava o problema", completa. Em 1964, quando o consultório ficou pronto, o dentista terminou sendo admitido. Algum tempo depois, terminou passando a dentista do Senado devido ao grande número de pessoas que se deslocavam dali até a gráfica para serem atendidas.

O acampamento

A notícia de que todos deveriam deixar o acampamento da

Rabelo em 1970 fez com que Moreira se apressasse em procurar outro local de moradia. A primeira intenção da família era mudar-se para Taguatinga, onde havia casas espaçosas a preços mais baratos que no Plano Piloto. Mas a estrada que ligava Brasília à cidade, hoje EPTG, era uma pista de mão dupla, onde aconteciam muitos acidentes de trânsito.

Cientes de um apartamento à venda na 406 Sul, a família mineira decidiu então morar pela primeira vez em um apartamento. "Sentimos muito deixar nossa casa no acampamento da Rabelo", diz Rita, em coro com a filha, Ana Maria Moreira de Freitas. "Tínhamos muitas amizades na Rabelo e tudo era motivo de confraternização no acampamento, festas juninas, festas na igreja, vivíamos como uma grande família de pioneiros", afirma Ana Maria.

Até hoje, as famílias que viviam no acampamento da Rabelo encontram-se uma vez por ano para relembrar os tempos que viveram nos alojamentos da construtora.

“FAZIA A CONSULTA E O ORÇAMENTO DO SERVIÇO NOS CORREDORES DA GRÁFICA. SENTAVA O PACIENTE EM UMA CADEIRA COMUM, ENCOSTAVA SUA CABEÇA NA PAREDE E VERIFICAVA O PROBLEMA”

Raio X

Nome:	Ary Pinheiro Moreira
Idade:	80 anos
Origem:	Alvinópolis, Minas Gerais
Profissão:	Dentista
Ano de chegada a Brasília:	1960
Esposa:	Rita Carvalho Moreira
Filhos:	Manoel Carlos Carvalho Moreira, Paulo César Carvalho Moreira, Ana Maria Moreira de Freitas e Maria Valéria Carvalho Moreira
Netos:	Ariana, Fausto, Anaceli, André, Anabele, Rogério, Ary Neto, Daniella, Pedro Henrique e Ana Paula Bisneto: Guilherme